

## Duas apologias...

RAUL PILLA

**O**UÇAMOS os mais insuspeitos depoimentos, depoimentos de quem não quer admitir outro sistema de governo, senão o que aí está.

Aqui temos uma vária do «Jornal do Comércio», fôlha que, por sua provecta idade, parece ter esquecido o que foi o sistema parlamentar no Império. Em sua edição do dia 7, dizia, com todo o pêso de sua reconhecida autoridade:

«Enumerou o sr. ministro da Fazenda, em itens positivos, as razões do descalabro das finanças nacionais em fins de junho dêste ano, quando assumiu o exercício da pasta. São treze fatídicas negativas, que se sucedem numa oscilação dramática e não podem deixar de ser atribuídas à ação ou omissão do governo. São desconcertantes provas de incúria, de incompetência, de negligência, de alheamento, de culpa, que bastariam para levar os dirigentes do País ao mais peremptório dos julgamentos públicos».

E mais adiante, depois de fazer o elogio do atual ministro da Fazenda, insiste o articulista:

«Nesse programa ditado pelo mais comezinho bom senso e inspirado por essencial patriotismo, é que certamente o sr. Osvaldo Aranha escapa da realidade para o devaneio, pois não pode deixar de estar convencido, com a sua experiência dos homens e das contingências que dominam atualmente o cenário nacional, de que suas diretivas estão fadadas a diluir-se no vazio da irresponsabilidade e da displicência reinantes hoje na direção suprema da vida pública».

Ouçamos agora um dos nossos mais agudos e brilhantes cronistas políticos, o sr. Pedro Dantas, do «Diário Carioca», na edição de 8 do corrente mês:

«No ponto em que estamos, a solução da crise é inevitável. Não se trata mais de matéria opinativa. Não se trata mais de ser contra o golpe ou a favor do golpe. Trata-se apenas de verificar e reconhecer que nem a Nação, nem o governo podem manter o «statu quo»... O governo já não pode arripiar carreira: vai para o golpe fatalmente, porque não tem mais condições de sobrevivência normal. A nação vai para a resistência ou a prevenção do golpe, sendo-lhe apenas possível optar quanto à forma do procedimento tendente a acabar com uma pressão que torna irrespirável o ar».

Nenhum dos articulistas confia no governo do sr. presidente da República, que tem ainda pouco menos de dois anos e meio de mandato. Não somente o consideram incapaz de resolver as tremendas dificuldades atuais, mas o julgam também predisposto a pôr em perigo o próprio regime democrático. Se tal fôsse, como parece ser, o juízo da maioria da Nação, um tal governo deveria poder ser facilmente substituído, dado que democracia não fôsse, entre nós, uma vã palavra. Regemo-nos, porém, pelo sistema presidencial e, dentro dêle, não há senão, ou o recurso de esperar pacientemente que passe o governo, como passam tôdas as calamidades (é o que parece recomendar o primeiro articulista) ou o apêlo à reação violenta (é o que parece preconizar o segundo articulista).

Poderá haver maior condenação de um sistema de governo, lavrada por seus próprios apologistas? O presidencialismo não oferece, reconhecidamente, no seu mecanismo, o meio de resolver naturalmente as crises políticas e sociais. É o que implicitamente se reconhece.